

Expresso

07-07-2012

Periodicidade: Semanal
 Classe: Informação Geral
 Âmbito: Nacional
 Tiragem: 131300

Temática: Diversos
 Dimensão: 230
 Imagem: S/Cor
 Página (s): 17



Maria
Filomena
Mónica

OS BARÕES DO REGIME

Na última crónica falei dos ricos que ganharam as suas fortunas às claras, mas outros há, como Rui Pedro Soares, Duarte Lima, Armando Vara, Dias Loureiro, Oliveira Costa e Isaltino Moraes, sobre quem recaem suspeitas de corrupção ou outras formas de enriquecimento ilícito. Temos ainda o exército de indivíduos, metidos em casos como o Freeport, o “Magalhães” e a Parque Escolar, sobre o qual se abateu uma misteriosa penumbra. Isto para não falar de um tal Domingos Névoa que levou muita gente a concluir que o melhor é jamais denunciar indivíduos corruptos.

Nos últimos anos, forjou-se um pacto que faz com que seja quase impossível meter na cadeia quem usa a sua posição política para enriquecer

Há zonas ainda mais cinzentas. Pode o dinheiro acumulado nada ter de ilegal, o que não quer dizer que a forma como se montaram certos negócios seja moral. Basta pensar nas PPP, que levaram a que encargos exorbitantes recaiam sobre contribuintes inocentes — como eu, os meus filhos e os meus netos — para se perceber o fundamento do ressentimento popular. Não só muitos presumíveis corruptos nunca são julgados — ficando em liberdade até ao momento em que o crime prescreve — como são aprovadas leis que, em vez de tornarem ilegais casos de promiscuidade entre o público e o privado, permitem a prática. Nos últimos anos, entre deputados, ministros e empresários forjou-se um pacto que faz com que seja quase impossível meter na cadeia quem usa a sua posição política para enriquecer.

Como se isto não bastasse, há os salários dos políticos. Devo reconhecer que não são particularmente elevados, embora, tendo em mente o que a maior parte deles faz, me pareçam excessi-

vos. Ao dinheiro que recebem, tem de se juntar os privilégios de que auferem, tais como reformas a meio da vida, carros espampanantes e motoristas a toda a hora. Há, finalmente, gestos simbolicamente mortíferos. Será que, antes de ter decidido participar no louvável esforço da minha Junta de Freguesia, no sentido de dar comida às famílias necessitadas, a Assembleia da República não anteviu que a oferta dos restos de porco preto, de gambas e de ananases, deixados pelos deputados na travessa são uma afronta?

Quem conheça a nossa História percebe rapidamente por que motivo a ideia de que se pode enriquecer com o trabalho não tem raízes. Há tempos, uma amiga minha, que dá aulas no Ensino Básico e Secundário, contou-me o seguinte. Depois de uma prelecção aos alunos sobre a necessidade de se estudar para subir na vida, um deles perguntou-lhe: “Ó stôra onde é que se faz o dinheiro?”. Satisfeita por ter captado a sua atenção, respondeu-lhe, “Na Casa da Moeda”, após o que lhe explicou o processo de impressão e de cunhagem, um aditamento que não pareceu interessar-lhe. A certa altura, o jovem quis saber onde ficava a tal Casa. Ela deu-lhe a morada e repetiu que, se tivesse boas notas, certamente que lá arranjaría um emprego. Eis o que se seguiu: “Tem razão, stôra, primeiro candidato-me, depois entro e, uma vez lá dentro, gamo o dinheiro todo que lá houver”. Não pensem que se estava a fazer de engraçadinho. Vivo num país moralmente indigente.

Maria Filomena Mónica
 escreve de acordo
 com a antiga ortografia